

Revisão Bibliográfica da Desinformação e Mentira relacionadas à manutenção do poder a partir de Gomes e Boarini & Ferrari ¹

Maria Vitória Rocha²
Universidade de Brasília – UNB

Resumo

O artigo propõe-se a fazer uma revisão bibliográfica dos conceitos de desinformação e mentira na visão de Gomes (2013) e Boarini; Ferrari (2021). A pergunta de pesquisa é: quais são as concepções sobre a desinformação e mentira em Gomes (2013) e Boarini; Ferrari (2021)? Analisamos os textos que relacionam o conceito de desinformação com a estratégia da manutenção do poder. A metodologia usada foi a análise de conteúdo dos textos nos autores. Os resultados mostram a semelhança entre as teses, na quais entendem que a desinformação tem relação com vantagens consideráveis na busca do poder e da influência.

Palavra-chave: Desinformação; Mentira; Manutenção do poder; Gomes; Boarini e Ferrari.

Introdução

A análise do conceito da desinformação pode incorporar conceitos sobre mentira e erro na comunicação, o que é fundamental para entender as intenções por trás da disseminação de informações falsas à manutenção do poder. Atualmente, não se sabe de fato o que é verdade, o que é fabricado e o que é mentira.

Esta pesquisa visa discorrer sobre os conceitos de desinformação nas obras *A desinformação é o parasita do século XXI* de Margareth Boarini; Pollyana Ferrari (2021) e *Mentir para dizer a verdade* de Marcelo Bolshaw Gomes (2013), com o objetivo primordial de compará-las. A motivação para esta revisão bibliográfica está na necessidade de considerar os conceitos da desinformação e mentira como estratégia para a manutenção do poder.

A relevância da pesquisa está em chamar atenção para a dominação intencional da verdade quanto da disseminação não-intencional de informações incorretas na relação política. Isso é, a mentira, sendo uma estratégia deliberada para enganar ou manipular, contrasta com o erro, que pode negligentemente propagar informações incertas. O tema foi escolhido precisamente por ser um tema atual e possível de interligação com o

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação com formação em Ciência Política pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: mariavitoria.souroc@gmail.com.

contexto político brasileiro. A ideia é compreender como a desinformação e a mentira são utilizadas como ferramentas de poder ao longo do tempo.

Os autores se complementam e são importantes para este texto pelas diferentes perspectivas que usam para compreender a estratégia da desinformação. No entendimento das autoras, as *fake news* são uma espécie de vírus do século, e a solução para combatê-las, de acordo com Gomes, está na busca pela verdade por trás das informações passadas. Boarini; Ferrari e Gomes concordam que é fundamental adotar uma abordagem de leitura comparativa, mantendo um senso de desconfiança inicial em relação ao que é observado, ouvido ou lido. Por fim, a metodologia adotada consistirá em uma análise dos conceitos apresentados por esses autores, buscando identificar pontos de convergência e divergência entre suas teorias.

Mentira na visão de Marcelo Gomes

Para abordar desinformação, é válido explorar a interconexão entre a mentira e a verdade. Primeiramente, Gomes (2013) traz o fato de que não existe uma verdade absoluta, pois o conceito está sujeito à realidade de quem a elabora. Assim, existem diversas verdades através de que vieses as pessoas as elaboram. Essa interpretação vai de encontro com o que Wardle e Derakhshan (2017) dizem sobre o discurso de ódio ser baseado em uma verdade, fazendo com aquilo que é verdade seja olhado de forma ruim.

Nesse contexto, a verdade tem posição central na representação de crenças compartilhadas. Além disso, a verdade se dá precisamente daquilo que, em determinado contexto, é considerado ilusório e “não-verdadeiro” (GOMES, 2013, p.2). Por isso tudo, o autor destaca que é somente ao descobrir os níveis de mentiras que a encobrem, que conseguimos desvendar a verdade.

Derrida (1996) defende a concepção da mentira enquanto um meio de exercer controle, enquanto a verdade é vista como uma construção social que atende aos propósitos daqueles que detêm poder. O autor ainda afirma que a mentira, quando bem orquestrada, pode proporcionar vantagens consideráveis na busca do poder e da influência. Essa visão é enriquecida pela percepção de que a mentira precisa ter uma ligação com a verdade para manter uma mínima credibilidade, ressaltando que a desinformação é projetada para parecer real, revelando um viés psicológico essencial em sua concepção.

Gomes considera que o entendimento comum de mentira é algo declarado, que mesmo que se suspeita ou saiba que seja falso, se tem a intenção de fazer com que os ouvintes ou leitores acreditem nela. Portanto, uma declaração verdadeira pode ser considerada uma mentira que acreditem ser falsa. Embora as histórias de ficção, que não correspondam à verdade, não são consideradas mentiras, nesse contexto. No geral, Gomes afirma que não importa se o que foi explanado é realmente verdade, o que importa é se quem passa a informação acredita e se tem intenção de engano.

O conceito de pós-verdade de Poell; Nieborg; Van Dijck (2020) tem profunda relação com o que é exposto por Gomes. O conceito de pós-verdade é entendido como a informação que distorce intencionalmente a verdade, ou o que é real, e quase sempre apela à emoção. E essa realidade se baseia em crenças comuns e pessoais ao invés de informações apuradas. Assim, essa perspectiva de realidade ganha espaço como verdadeira, influencia a opinião pública e comportamentos sociais, se faz tão difundidas que são afirmadas como se fossem científicas.

Gomes (2013) traz especialmente a mentira política, que interessa muito este texto. Diferentemente da mentira conhecida como convencional, o autor cita que a mentira política envolve persuadir o público a agir de forma inconsciente, manipulando-o supostamente para o seu próprio benefício. Ao diferenciar os tipos de mentiras política, ele explica que existem três: a útil, que serve aos interesses do governo; a doce, que cativa emoções e promove aventuras amorosas ou militares; e a honesta, que acredita em sua própria veracidade - um conceito atualmente referido pelos acadêmicos como “ideologia”.

Para o autor, a construção da imagem pública de um governante se torna uma disputa entre as mentiras que ele promove e as que são disseminadas a seu respeito. Existem diferentes tipos de mentiras políticas referentes às imagens públicas, desde a calúnia que diminui qualidades até a mudança de reputação. Mas, Gomes (2013) lembra que é necessário que a mentira não seja exagerada para que não caia na dúvida e perca a eficácia. Assim, ao reformular as qualidades de uma figura pública, é interessante manter cautela para não manter a imagem já existente. Wardle e Derakhshan (2017) defendem que uma imagem é um componente visual poderoso, tem uma narrativa forte e é repetida com facilidade. Já as mídias sociais são mídias baseadas na imagem.

Gomes (2013) destaca que a importância da imagem dos líderes e seus familiares sempre foi crucial na esfera política e usada como instrumento de legitimação do poder.

Contudo, ele observa que a competição pelo poder está cada vez mais focada na busca por visibilidade na mídia, com intenção de estabelecer uma imagem pública específica dos políticos e de seus interesses. Assim, ele observa que os eleitores não parecem mais votar com base em programas, ideias ou propostas. Agora, as escolhas estão mais ligadas às imagens públicas formadas pelas características pessoais e simbólicas dos candidatos.

O autor apresenta uma tabela categorizando os tipos de mentiras políticas de acordo com sua natureza e morfologia, dividindo-as entre úteis, doces e honestas, bem como em mentiras ordinárias (calúnia, diminuição, aumento, translação) e extraordinárias (amedrontadoras, excitantes). Assim como evitar a mentira exagerada citada pelo o autor, ele destaca a necessidade do mentiroso político criar mentiras extraordinárias, que são as que amedrontam e as que excitam. Isso, segundo ele, reanima a dicotomia entre “medo e esperança (Platão, Maquiavel), entre coerção e consenso (Marx, Gramsci), entre o poder da força e a autoridade moral (Weber e o funcionalismo) – que hoje toma a forma do conflito entre o risco induzido e a simulação” (GOMES, 2013, p.7-8).

No meio político, há mentiras parciais tanto do lado ideológico da esquerda quanto da direita que, segundo Gomes (2013), são as meias-verdades ou meias-mentiras, nas quais também podem ser usadas para mentir ou manipular a verdade, para favorecer a ideologia ou os interesses dos detentores do poder. Para o autor, o meio termo entre direita e esquerda, conhecida como a terceira via da política, também pode ser vista como estratégia de mentira política. Pois, se apresenta como o lado mais racional das decisões, vestindo-se com a ideia da despolarização política, mas não define seus adversários ideológicos de forma clara, ficando sempre no lado que convém.

Ao abordar a visão de manutenção do poder em certos regimes políticos, Gomes (2013) observa que a democracia também é uma mentira política essencial, tanto pelas expectativas criadas quanto naquilo que a democracia representativa promete, mas muitas vezes não cumpre. Bobbio (*apud* Gomes, 2013) exemplifica que, na expectativa, a democracia defende o interesse público, a igualdade de tratamento para todos os cidadãos, a educação para a cidadania e a transparência através da imprensa livre, porém, na prática, são promessas que não se concretizam.

Gomes (2013) também enfatiza que, na democracia atual, tanto a vida pública quanto a pessoal precisam ser transparentes, mesmo que essa transparência seja fruto de encenação ou idealização dos eleitores. Ademais, ele também cita a existência da mentira virtual, que, na visão dele, além de passar esperança, consegue influenciar ao risco e ao

desconhecido. Para Baptista (2019), os avanços tecnológicos, especialmente a ascensão dos meios digitais, propiciaram uma maior diversidade de vozes e perspectivas. Consequentemente, os meios digitais têm favorecido a disseminação de informações falsas.

Por fim, o autor percebeu que o poder da mídia em selecionar e informar certos acontecimentos, omitindo outros, molda a percepção pública e influencia a legitimidade de governos e instituições. Gomes (2013) destaca que a mídia assumiu o papel de autoridade, se declarando como a única detentora da verdade, enquanto posiciona outros atores como mentirosos. No entanto, na análise do autor, não é possível ter uma compreensão total do verdadeiro papel desempenhado pela mídia. Porém, ele afirma que ela se apresenta como moderadora, enquanto oculta seu próprio envolvimento como ator social, com interesses políticos e econômicos.

Desinformação na visão de Boarini e Ferrari

Wardle e Derakhshan (2017) esclarecem o processo para se chegar à desinformação como todo. Os autores afirmam que estamos testemunhando algo novo: a poluição da informação em uma escala global. A poluição informacional é o excesso de informações, que gera a desordem informacional. Posteriormente, a partir desse caos instalado, se resulta nos processos de misinformation, mal-informação ou desinformação.

É importante diferenciar os conceitos, já que este trabalho se delimita a apenas um processo resultante da poluição informacional. Primeiramente, a misinformation são informações falsas compartilhadas sem intenção de prejudicar. Já a mal-informação, Wardle e Derakhshan (2017) entendem como informação que apesar de ser verdade, é divulgada para causar dano. E, por último, a desinformação que, para os autores, são informações falsas que são compartilhadas conscientemente para causar dano. Nesse caso, muitas vezes é justificada como liberdade de expressão, o que torna um problema em um regime democrático.

Segundo Boarini e Ferrari (2021), a desinformação pode ser utilizada como uma ferramenta para manipular a opinião pública e gerar instabilidade política. Sendo a mentira uma das principais formas de desinformação, as autoras acreditam que a desinformação vem se tornando eficaz tanto em propagar informações quanto em gerar a instabilidade desejada.

Então, a desinformação pode ser compreendida como uma forma de exercer poder, pois permite que grupos políticos e ideológicos distorçam fatos para atender a interesses próprios. Boarini e Ferrari (2021) assimilam que entre fatores impulsionadores da desinformação, o negacionismo e o conservadorismo têm se tornado cada vez mais influentes, como por exemplo, em temas sobre mudanças climáticas, vacinas, pandemias, entre outros.

Primeiro, as autoras traduzem a influência na desinformação vindo de pessoas negacionistas. Antes, elas explicam que a negação é entendida pela psicanálise como um modo de defesa, enquanto o negacionismo é uma atitude política, que tem relação com o discurso de poder. Assim, as autoras enfatizam que a mente negacionista se recusa a aceitar evidências científicas e prefere acreditar em teorias conspiratórias ou em informações falsas e enganosas. Derrida (1996) percebe que na desinformação, existe uma carga moral na percepção de quem passa a informação, assumindo que está do lado moralmente correto. A própria moralidade está diretamente ligada à mentira e à forma como é expressa.

Outro fator importante que gera desinformação, segundo Boarini e Ferrari (2021), é o excesso de informações na vida digital e a sua fluidez constante. As autoras entendem que diante de um fluxo descontrolado de informações, muitas vezes contraditórias, as pessoas podem ter dificuldade em avaliar a veracidade e a relevância de cada uma delas. Isso chega a afetar a capacidade analítica e o pensamento crítico das pessoas. Assim, elas entendem que sem uma imunidade informacional, que permite a fácil compreensão de variadas informações, se torna mais fácil a propagação de desinformação.

Além disso, Boarini e Ferrari (2021) mencionam a polarização política como um ponto que impulsiona a desinformação no contexto vivenciado nos dias atuais. O crescimento de movimentos conservadores e a aderência da audiência a sites negacionistas, para elas, são alguns dos pontos que precisam ser estudados de perto.

Bezerra, Capurro e Schneider (2017) destacam a complexidade desses fenômenos na era digital, ressaltando o impacto da hiperinformação na percepção da verdade e como isso contribui para uma sociedade pós-verdade, onde a verdade se torna subjetiva e suscetível a manipulações por interesses diversos, especialmente políticos e econômicos. Os autores explicam a dificuldade em definir a verdade, mas ressalta a importância de identificar a mentira e sua construção social.

Inter-relação das ideias dos autores sobre mentira e desinformação

Subentende-se que Gomes (2013) e Boarini; Ferrari (2021) compreendem que a verdade é uma perspectiva individual, que pode ser defendida como fato para a defesa de interesses. Boarini e Ferrari (2021) destacam como a desinformação, pela manipulação da verdade, é utilizada como instrumento de poder por grupos políticos e ideológicos, especialmente por movimentos negacionistas e conservadores, para defender agendas em que acreditam.

Por outro lado, Gomes (2013) relativiza a verdade, ressaltando que ela é moldada pela perspectiva de quem a constrói. Ele enfatiza que a verdade muitas vezes é misteriosa, envolta em camadas de mentiras, e que somente ao enxergar as camadas é possível descobrir a verdade velada. Assim como Hitler, que usou o rótulo de “nacional socialismo” para o nazismo propositalmente para enganar os cidadãos a votar nos fascistas. Logo após a vitória, o próprio partido nazista renegou qualquer relação com o socialismo.

Apesar da similaridade, os autores abordam a disseminação de informação falsa por meio de perspectivas diferentes. Boarini e Ferrari (2021) relacionam o negacionismo como uma postura política ligada ao discurso de poder à difusão da desinformação. Elas enfatizam que uma pessoa negacionista opta por narrativas que se alinham a suas crenças, ao invés de acreditar nos fatos vindos de evidências científicas. Os seguidores de Bolsonaro, por exemplo, adotaram as redes sociais como fonte de informação correta, desacreditando nas mídias tradicionais, isso se afirma pelo modo como Bolsonaro descredibiliza a imprensa tradicional.

Por outro lado, Gomes (2013) entende que a mentira tem consciência da falsidade informada e o objetivo é justamente fazer com que os receptores acreditem nela. Em época de campanha eleitoral, por exemplo, é comum que o candidato crie uma boa imagem política para concorrer à próxima eleição, ou mesmo concorrer na época de eleição. O autor também cita a possibilidade de uma verdade ser percebida como mentira, caso quem a afirma acredita que seja mentira. Nesse contexto, as histórias fictícias, embora não correspondam à realidade, não são consideradas mentiras.

Se observarmos as características do negacionista, conceituado por Boarini e Ferrari (2021), percebemos semelhanças com o conceito da mentira cínica, abordado por Gomes (2013). O mentiroso cínico e o negacionista frequentemente se posicionam a favor

do suposto bem comum (podendo ser visto uma tática para manutenção do poder), além do costume em adotar a postura de desqualificação e confronto com quem discorda, que podem ser ataques pessoais.

Boarini; Ferrari (2021) e Gomes (2013) citam a dificuldade em diferenciar o que é verdadeiro. As autoras consideram que o problema vem do excesso de informação ligado ao contexto digital, que além de confundir com contradições o que é real, afeta a imunidade crítica do receptor e facilita a difusão da desinformação. A proporção e o imediatismo das redes sociais, por exemplo, fizeram com que o ex-presidente Bolsonaro se fortalecesse na popularidade, no modo de fazer as pessoas interagirem e na divulgação das fake news.

Gomes, por sua vez, disserta sobre a complexidade por trás da distinção entre verdade e mentira. Ele enfatiza a dualidade enganadora, na qual mentiras sobre outras mentiras podem, ironicamente, revelar a verdade. Entre os tipos de mentira, Gomes entende que o tipo satírico utiliza a mentira como um veículo para expressar a verdade de maneira disfarçada, também podendo ser vista como uma forma de resistência crítica ao poder.

Para diferenciar do tipo moralista, ele afirma que essa última repreende a mentira e busca a verdade. Já a satírica usa a mentira para dizer a verdade de forma irônica. Mas, para o autor, tanto a interpretação moralista quanto a satírica reconhecem que a mentira não é apenas um processo discursivo, mas também uma negação de algo verdadeiro.

Boarini e Ferrari (2021) entendem que a manipulação do poder tem como impulsionador a desinformação, especialmente através do crescimento dos movimentos negacionistas e conservadores. Elas destacam que a influência na formação de opinião acontece através da interação de pessoas com afinidades. Assim, torna-se mais fácil propagar e acreditar em informações quaisquer porque há um reconhecimento na ideia passada e no propagador.

Por outro lado, Gomes (2013) traz as mentiras políticas segundo sua natureza. Segundo o autor, a mentira política é diferenciada da mentira comum, já que o propósito principal é persuadir o público de maneira inconsciente, manipulando-o supostamente para benefício próprio. Nesse contexto, o autor ainda traz que os tipos de mentira política útil e honesta são as que estão a serviço do poder. A útil ele cita como a usada aos interesses do governo e a honesta é associada academicamente ao conceito de ideologia, pois acredita em sua própria verdade.

Ambos os autores destacam a importância de compreender essas estratégias para lidar com a disseminação de informações falsas e a desinformação. Por fim, Boarini e Ferrari (2021) defendem a necessidade de esforço coletivo para combater a desinformação, dando como sugestão o estímulo ao debate para construção do pensamento crítico e à verificação de fontes confiáveis como parte fundamental. Gomes (2013) acrescenta que para desqualificar uma mentira política, é preciso criar um texto que seja falso, mas que nos ajude a entender o que é verdade. É como se, ao criar uma história falsa, pudéssemos aprender mais sobre como reconhecer a verdade.

Conclusão

Com base na análise realizada, é possível afirmar a existência de uma clara relação entre os conceitos de desinformação e mentira no contexto da manutenção do poder. Os autores entendem que quem produz desinformação tem a intenção de transmitir informações falsas para enganar leitores.

Boarini e Ferrari (2021) defendem que as notícias falsas representam o vírus do século e a educação desenvolve o pensamento crítico. Segundo o estudo, o surgimento de novas ferramentas de comunicação, decorrentes da evolução tecnológica, permitiu que notícias falsas e negacionismo se difundissem com mais rapidez. Gomes (2013) demonstra preocupação com a desinformação e a mentira na sociedade atual. Enquanto Boarini e Ferrari concentram-se na desinformação, nas fakes news e no negacionismo, Gomes explora a mentira como uma forma de transmitir uma verdade subjacente.

Boarini e Ferrari (2021) destacam que a manipulação do poder tem como impulsionador a desinformação, especialmente através do crescimento dos movimentos negacionistas e conservadores. Por outro lado, Gomes (2013) mostra a ponte entre a mentira e a verdade, observando a dualidade, na qual mentiras sobre outras mentiras podem, ironicamente, revelar a verdade. Ele ainda interpreta a mentira com versões diferentes: satírica e a moralista. Sendo que a primeira usa a mentira como um veículo para expressar a verdade de maneira disfarçada, enquanto a segunda repreende a mentira e busca a verdade.

Com base no suporte teórico dos autores, constatou-se, neste trabalho, que a desinformação é um instrumento estratégico fundamental, sobretudo quando há apoio intenso da mídia. A disseminação descontrolada de informações conquista a aprovação da sociedade para causas nacionalistas, geralmente apresentadas como causas populares

e de interesse da nação. A difusão de informações é essencial em épocas de crise e incerteza. Ela serve para manipular a opinião das massas, fazendo com que se posicionem ao seu lado.

Percebeu-se que a desinformação com tendência negacionista e conservadora dada pela combinação de ideologia com política, não é uma atividade neutra, pelo contrário quer espaço e mudança. Este tipo de difusão está ligada a grandes acontecimentos de ideologia política, como a extrema direita, por exemplo. Nesses casos, a ideologia foi usada como estratégia de poder, baseando-se em pensamentos primitivos e dando representatividade a eles, usando o lado emocional das pessoas, e despertando o sentimento de um falso pertencimento.

Pode-se dizer que as candidaturas eleitorais usam certos tipos de mentiras, justamente, com o objetivo de fazer com que os eleitores acreditem nela. Dessa forma, o candidato aprimora a divulgação da sua imagem política perante seu público alvo, conquista sucesso e faz a sua manutenção ao poder.

Referências

BAPTISTA, Carla. **Digitalização, desinformação e notícias falsas: uma perspectiva histórica: as fake news e a nova ordem (des) informativa na era da pós-verdade.** Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 47-62, 2019.

BEZERRA, A. C.; CAPURRO, R.; SCHNEIDER, M. **Regimes de verdade e poder: dos tempos modernos à era digital.** Regimes of truth and power: from modern times to the digital age. Liinc em Revista, [S. l.], v. 13, n. 2, 2017. DOI: 10.18617/liinc.v13i2.4073. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/4073>.

BOARINI, M.; FERRARI, P. **A desinformação é o parasita do século XXI.** Organicom, [S. l.], v. 17, n. 34, p. 37-47, 2021. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2021.170549. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/170549>.

BOURDIEU, P. **A opinião pública não existe.** 1973. In: Thiollente M.J.M. Crítica metodológica. Investigação social e enquete operária. São Paulo: editora Polis, 1981.

DERRIDA, J. **História da mentira: prolegômenos.** Estudos Avançados, [S. l.], v. 10, n. 27, p. 7-39, 1996.

GOMES, Marcelo Bolshaw. **Mentir para dizer a verdade.** Revista Temática. João Pessoa, p. 1-18. maio 2013.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. Revista Fronteiras, v. 22, n. 1, 2020.

WARDLE, C.; DERA KHSHAN, H. Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Council of Europe, 2017.